

sionado e vendido para escravo com tôda a sua tribo. A mulher e todos os filhos, menos um, morreram na travessia do Atlântico. Os sobreviventes foram encaminhados às minas de Ouro Preto. Homem inteligente e enérgico, Chico Rei trabalhou e forrou o filho; em seguida, os dois trabalharam para forrar um patricio; e assim sucessivamente se forrou tôda a tribo, que passou a forrar outros vizinhos da mesma nação. Formaram entre si um como que Estado: Francisco era o rei; sua nova mulher, a rainha; seu filho, o príncipe; a nora, a princesa. A coletividade possuía a mina riquíssima da Encardideira. Tomaram como padroeira a Santa Ifigênia, a cuja milagrosa imagem prestavam culto no Alto da Cruz, na capela levantada sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário. No dia 6 de janeiro o rei, a rainha e os príncipes, vestidos como tais, eram conduzidos triunfalmente à igreja para assistir à missa cantada; em seguida percorriam as ruas dançando ao som de instrumentos africanos: era o reinado do Rosário, festas imitadas em todos os arraiais de Minas.

Ainda existe à entrada da igreja a pia de pedra onde as negras lavavam os cabelos para nela deixar como donativo o ouro de que estavam empoados.

#### *S. Francisco de Assis.*

Pertence à freguesia de Antônio Dias. O adro da igreja, como o de S. Francisco de Paula e o morro do Cruzeiro, é local que se recomenda para a apreciação do panorama de Ouro Preto.

A Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, a primeira Ordem Terceira criada em Ouro Preto (remonta a 1745), adquiriu os terrenos onde se levantou o templo, em 1765, e já no ano seguinte contratava a construção com o mestre Domingos Moreira de Oliveira. O projeto é de Antônio Francisco Lisboa; em 24 de agosto de 1794 lavrou-se o termo de entrega e aceitação das obras, sendo louvados por parte da Ordem Antônio Francisco Lisboa e José Pereira Arouca.

O coroamento da porta principal é uma composição em pedra-sabão composta de dois medalhões, um com as cinco chagas, outro com os cinco dados, dominados por outro medalhão maior em que se vê a imagem em meio corpo de Nossa Senhora da Conceição encimada por uma coroa de rainha. No alto da fachada, grande medalhão circular, que representa S. Francisco de joelhos recebendo os estigmas no Monte Alverne. A fls. 146 verso do Livro I da Ordem se lê que o risco da

portada foi do Aleijadinho, e a fls. 147 que José Antônio de Brito foi o arrematante da obra.

As portas principais e laterais custaram 224\$000 e foram feitas por Lucas Evangelista de Jesus, mas o risco veio de Lisboa, segundo se lê em documento do arquivo da Ordem.

No interior do templo: o tapa-vento é obra de Manuel Gonçalves, custou 45\$000 e foi colocado em 15 de junho de 1806; os altares laterais, em número de seis, executados de 1829 a 1832, e nos quais trabalharam José Pinto de Sousa e outros entalhadores, estão sob a invocação do Coração de Jesus, Santo Ivo e Santa Isabel da Hungria, à esquerda e do Coração de Maria, São Roque e Bem-casados (Santa Bona e S. Lúcio), à direita, mas este último fôra feito para a invocação de Santa Rosa, cuja imagem está hoje no nicho do altar do Coração de Maria, e os atuais do Coração de Jesus e Coração de Maria estiveram até 1912 sob a invocação de S. Lúcio e de Santa Bona (10); o grande painel do teto da nave representa a glorificação da Virgem, obra do pintor Manuel da Costa Ataíde, com quem foi contratado o douramento e mais pinturas da capela em 1801, por 4.000 cruzados — trabalhos que ficaram terminados em 1810; o teto da capela-mor é em forma de barrete e nêle se vêem em medalhões as figuras de S. Boaventura, Santo Antônio, Santo Ivo e S. Gonçalo, grandes santos da Ordem; no púlpito da esquerda está representado na face principal Jesus falando ao povo à margem do lago, no da direita o episódio do profeta Jonas; no altar-mor são admiráveis a composição da Santíssima Trindade, que encima o retábulo, e o baixo-relêvo do frontal da urna, representando o episódio das santas mulheres levando aromas e dando com o santo-sepulcro vazio. Tôda a capela-mor, barrete do teto, tribuna, altar-mor, retábulo dêste, púlpitos, são do Aleijadinho (fls. 108, 115 verso, 176 do Livro I da Ordem e recibos autógrafos do artista recolhidos ao Museu da Inconfidência). Admiráveis também as pinturas que circundam a capela-mor, fingindo azulejos, representando os episódios capitais da vida de Abraão, obra de Manuel da Costa Ataíde (Abecedário de Contas da Ordem, de 1804, fls. 34 verso e 35). As outras pinturas da capela-mor (papas que pertenceram à Ordem, uma Ceia, um Lava-pés) e da nave são também de autoria de Manuel da Costa Ataíde.

---

(10) Foi restabelecida a invocação antiga. (Informação de Sylvio de Vasconcellos).



Na sacristia há que admirar em primeiro lugar a fonte em pedra-sabão, representação simbólica da Ordem de S. Francisco: das chagas, representadas num escudo oval ladeado por dois anjos, parte um raio de luz que cai sobre um arcanjo, que na mão esquerda sustenta um medalhão com a efígie do santo, enquanto que a direita pousa sobre a figura principal, símbolo da Fé; esta desdobra um cartão onde se lê: "*Haec est ad coelum quae via ducit*"; a seus pés, entre duas cabeças de cervos, outra inscrição: "*Ad dominum curro sitiens cervus ad undas.*"

As paredes da sacristia estão cobertas de telas representando Santa Isabel de Portugal e Santa Isabel da Hungria, Santo Ivo, S. Luís de França, Santa Rosa de Viterbo, São Francisco lendo os estatutos da Ordem a Santa Clara e a S. Roque, o Papa e os cardeais no momento de entregar a S. Francisco os estatutos, e São Francisco pregando ao povo. O teto é revestido de cinco grandes telas: no meio S. Francisco levado ao céu pelos anjos; os outros quatro representam um eremita, Santa Maria Egípcíaca, a Madalena e S. Francisco. Diogo de Vasconcelos atribui também êsses painéis a Ataíde, pela semelhança com outros de S. Francisco de Mariana sabidamente daquele pintor. Rodrigo M. F. de Andrade duvida dessa autoria

Contém a sacristia uma grande cômoda de jacarandá (as guarnições foram arrancadas), bancos da mesma madeira envernizados de preto, oratório, imagens, tudo de caprichosa talha do tempo. E o consistório encerra também preciosidades do mesmo gênero.

O cemitério da Ordem começou a ser construído em 1831, por Manuel Fernandes da Costa, e foi acabado por José Ribeiro de Carvalho, em 1838.

Cláudio Manuel da Costa foi advogado da Ordem desde 1771, recebendo anualmente para isso 60 oitavas de ouro.

Dos fundos de S. Francisco se avista, na aba do morro do Cruzeiro, a casa chamada dos Inconfidentes; à direita, o morro da Fôrca (para onde foi transferida a fôrca, primitivamente instalada no Caminho das Cabeças, hoje Rua Alvarenga); ao fundo do vale o ribeirão do Funil. Para trás do morro do Cruzeiro fica o Tripuí.